

## CULTURA POPULAR, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Lucrecio Araújo de SÁ JÚNIOR\*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

**RESUMO:** Na cultura popular evidenciam-se os mitos, lendas, contos, provérbios, orações, maldições e encantamentos. Dessa forma, podemos pensar na existência de textos para finalidades específicas em tempo e espaço determinados que constituem a cultura de um povo. O presente trabalho tem como objetivo discutir uma proposta metodológica, que apresenta no seu desenvolvimento um novo enfoque para o ensino/aprendizagem a partir da cultura popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória coletiva; Oralidade; Cultura; Letramento.

O presente trabalho tem como objetivo discutir uma proposta teórico-metodológica, que apresenta no seu desenvolvimento um novo enfoque para o ensino/aprendizagem a partir da cultura popular. Parto do pressuposto que as manifestações da cultura popular de cada região podem ser largamente viabilizadas para o trabalho didático-pedagógico em sala de aula. Para tanto, basta entender que a cultura popular e a educação compartilham do mesmo propósito; ambas são produzidas a partir da vivência e concepção de mundo que o educando traz consigo na sua característica maior de ser único e individual construtor de uma vivência em sociedade. Para isso, é necessário manter o foco nas práticas sociais de leitura e de escrita no contexto da cultura popular.

Este texto não se fundamenta numa concepção de letramento como sendo o *impacto* ou as *conseqüências* da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o *estado* ou *condição* de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa com os *eventos* relacionados ao uso e função da voz. Em outras palavras, o que aqui se pretende é perseguir uma mais ampla compreensão de letramento, buscando um novo sentido para essa palavra e fenômeno, introduzido-o no contexto da cultura popular.

Na cultura popular evidenciam-se os mitos, lendas, contos, provérbios, orações, maldições e encantamentos. Dessa forma, podemos pensar na existência de textos para finalidades específicas em tempo e espaço determinados que constituem a cultura de um povo. A memória, uma das formas existentes de arquivamento do imaginário popular, depende da oralidade que é quem exerce o papel contínuo do arquivo. Mas, além da

---

\* Doutor pela Universidade Federal da Paraíba com período de estágio na Universidade de Lisboa. Professor/pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente integra o *Projeto para a História do Português Brasileiro* – PHPB – na equipe regional da UFRN. Email: [lucrecio.sa@gmail.com](mailto:lucrecio.sa@gmail.com)

oralidade a *escritura* surge, em alguns momentos, para mostrar a sua importância na síntese dos fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos.

Neste trabalho, inicialmente abordo que a *memória e o imaginário popular* revelam isto, pois o universo humano, os valores e as práticas sociais dependem das aspirações de cada povo, dos seus desejos e idéias. O crescente interesse que a memória vem suscitando hoje decorre da inspiração nos estudos voltados aos aspectos da cultura popular, da vida em família, dos hábitos e costumes de uma localidade, da religiosidade, entre outros, que são, sem dúvida, pontos que remetem à constituição de uma sociedade. Num segundo momento, enfatizo que todo saber cumulativo que uma sociedade tem de si é lançado no mundo através da oralidade. As tradições orais constituem textos discursivos dos quais a escrita surge como arquivamento estratégico. A partir disso, considero que este patrimônio imaterial pode contribuir na perspectiva pedagógica do letramento. Estender o conceito de letramento para além da leitura e escrita é o ponto principal deste trabalho, pois além de saber ler e escrever, e ter estas práticas como presença cotidiana, é preciso que os sujeitos sociais, enquanto educandos, tenham conhecimento dos valores intrínsecos da cultura que estão inseridos.

Para Gilbert Durand (1997) o imaginário popular é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade. Gilbert Durand assinala que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo.

É no imaginário que as sociedades esboçam suas identidades, objetivos e organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário popular caracteriza-se por seu aspecto social e expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças.

Como indica Baczko (1984), a imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas. A rede imaginária possibilita as vitalidades histórica e cultural das criações dos sujeitos — isto é, os usos sociais das representações e das idéias.

Dessa maneira, sob a perspectiva do ‘modelo autônomo do letramento’ o educador poderá fazer uso dos atributos naturalizados dos “textos” da cultura popular, para tornar válidos os valores, as idéias, as relações advindas da memória e do imaginário. Há aí uma natureza mista entre o oral e o escrito, pois a cultura de um povo pode ser entendida como a síntese dos fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos, mas encontra-se muito distante das percepções do indivíduo, refere-se a valores socialmente instituídos e compartilhados, dos quais todos tomam parte.

Segundo Magda Soares (1998), a palavra letramento começa a ser usada a partir do momento em que o conceito de alfabetização tornou-se insatisfatório. Não basta mais saber ler e escrever tão somente, é preciso saber fazer uso da leitura e da escrita. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. “Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de

escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas 'letradas' em sociedades ágrafas" (SOARES, 1998, p. 9).

De acordo com Magda Soares, o educando além de aprender a ler e escrever deve dominar as práticas sociais de leitura e escrita. As novas propostas metodológicas também, de hoje, sugerem que se leve o educando a conviver, experimentar e dominar as práticas de leitura e de escrita que circulam na sociedade. Dessa forma, o conceito de letramento precisa ser discutido dentro das práticas sócio-culturais que circulam em uma sociedade. Pois ser letrado não significa apenas tomar parte do sistema da escrita em que se vive: "ler jornais, revistas, livros, saber ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone, saber escrever e escrever cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, saber preencher um formulário, redigir um ofício, um requerimento, etc" (SOARES, 2002); mais que tudo isso, é necessário que o educando possa tomar conhecimento da cultura a que pertence, das tradições populares, dos elementos performativos da oralidade e da escritura, da teatralidade, enfim do real reconhecimento do universo que a sua memória abarca e do domínio do seu imaginário.

Neste sentido, ao abordar o uso de material etnográfico na sala de aula, podemos nos referir a João David Pinto-Correia que identifica os tipos de textos conservados em memória nas múltiplas sociedades e propõe sua classificação e divisão em macroconjuntos, o que chama *Gêneros da literatura oral e tradicional* (1993). Para Pinto-Correia, a designação "Literatura Popular" corresponde a um conceito demasiado amplo e ambíguo. Mas, há a possibilidade, segundo o autor, de "arrumar os principais gêneros, segundo critérios coerentes" (PINTO-CORREIA, 1993, p. 69). Dessa maneira, seguindo a natureza das componentes discursivas e a sua funcionalidade temos (aqui sumariamente) a seguinte classificação dos três macroconjuntos: (i) o primeiro diz respeito ao sentimento e ao afeto, à confessionalidade ou mesmo a práticas que têm a ver com crenças e superstições, é *prácticoreligioso*; (ii) O segundo é composto pelas composições *narrativo-dramáticas*. Na sua maior parte são em prosa, comunicam ações completas ou pequenos episódios narrativos, sempre completados pelo diálogo; (iii) O terceiro, as *composições dramáticas*: dizem respeito às peças e aos diálogos que muito abundam na vida quotidiana do povo. A designação mais habitual para estas composições é a de *autos*. Mas, há de se considerar a sua tipologia funcional (PINTO-CORREIA, 1993, p. 65).

Considerando as indicações dos Gêneros da Literatura Oral, acredito que o educador/pesquisador poderá fazer uso dos atributos naturalizados dos "textos" da cultura popular para tornar válidos os valores, as idéias, as relações advindas da memória e do imaginário. Há aí uma natureza mista entre o oral e o escrito, pois a cultura de um povo pode ser entendida como a síntese dos fatos mais relevantes a um conjunto de cidadãos, refere-se a valores socialmente instituídos e compartilhados, dos quais todos tomam parte.

Muitas são as pessoas que desconhecem o valor da sua cultura, isso provoca uma ruptura indescritível da própria identidade. Neste sentido a alfabetização e o letramento se somam, são complementos. Pois um caminho importante no processo de educação para "criar hábitos e desenvolver habilidades, sentir prazer de ler e escrever diferentes gêneros de textos" (SOARES, 2002) seria trazer para as salas de aulas a discussão, o conhecimento e as competências presentes no universo da cultura popular do educando.

Paulo Freire (2001) sugere que, o processo de ensino e aprendizagem através da cultura popular permite ao aluno expressar suas concepções de mundo. Isso é possível utilizando os diversos meios de expressão textual presentes na cultura popular, sejam eles, os

benditos, as rezas, as benzeções, as estórias, os mitos, as lendas, etc. Considerar a oralidade e escritura popular, o imaginário, a memória como possibilidade de um novo enfoque para a educação, é considerar uma alternativa diferenciada para o processo de aquisição da leitura e escrita.

### **Considerações finais...**

Refiro-me à cultura popular como mecanismo alternativo para contribuir no processo pedagógico em sala de aula, enfocando o processo de letramento. Portanto, o educador ao mesmo tempo em que trabalha os conteúdos referentes ao processo de ensino, pode estar provocando o reconhecimento da identidade e dos valores histórico-cultural do educando. Essa prática de ensino-aprendizagem poderá enfraquecer a marginalização das culturas locais que na observação de Ecléa Bosi (1977) atualmente estão cada vez mais encobertas pela cultura de massa.

Ao trabalhar a cultura popular como mediadora no processo educativo de letramento é possível desenvolver alguns sentidos ocultados pelo não reconhecimento das identidades culturais. Educar a partir da cultura significa desenvolver competências que consistem em atitudes e habilidades individuais e coletivas apresentadas como a consciência crítica, imaginação, criatividade, expressão e comunicação.

### **REFERÊNCIAS**

- BACZKO, Bronislaw. *Les imaginaires sociaux. Mémoire et espoirs collectifs*. Paris, Payot, 1984, p. 54.
- BOSI, Cléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operários*. Petrópolis: vozes, 1977.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, Yves. "A formulação imaginária do imaginário e seus modelos". In *Cahiers de recherches sur l'imaginaire (Methodologie de l'imaginaire)*. Paris: Meriand, 1969, p. 134.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*, 9ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória – a cultura popular revisitada*. 3ª edição. São Paulo: editora Contexto, 2001.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. (Tradução de Maura Ribeiro Sardinha). 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997
- ONG, W.J. *Orality and literacy: the technologizing of the word*. London: Methuen, 1982. (Trad. português: Oralidade e cultura escrita. Campinas: Papirus, 1998).
- PINTO-CORREIA, João D. *Os gêneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação*. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa, 1993.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Novas práticas de Leitura e escrita: Letramento na Cibercultura*. Educ. Soc. v.23 n.81 Campinas dez. 2002
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Performance, Recepção e Leitura*. São Paulo: Educ, 2000.